

A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

THE OFFER AND TEACHING OF CULTURAL JOURNALISM IN THE BRAZILIAN UNIVERSITY CONTEXT

Ana Paula BOURSCHIED¹

Ícaro Moraes COLELLA²

Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Resumo

Este artigo é resultado de um estudo que teve como objetivo geral analisar como ocorre a oferta da disciplina Jornalismo Cultural nos cursos de Jornalismo do Brasil que alcançaram o conceito 5 no Enade 2018. A partir do método de Estudo de Casos Múltiplos, proposto por Yin (2001), identificou-se que, das 20 instituições com o conceito máximo, apenas nove possuem em sua grade curricular essa disciplina. Deste universo, seis integram a rede pública de ensino e três delas integram a rede privada. Como técnica de abordagem e coleta de informações, foram realizadas entrevistas com docentes de sete destas instituições. Enquanto resultado de pesquisa, destaca-se a necessidade da oferta da disciplina a nível nacional como o primeiro passo para renovação e construção positiva do cenário cultural do país.

Palavras-chave

Jornalismo Cultural; Ensino; Enade; Estudo de Casos Múltiplos.

Abstract

This article is the result of a study that aimed to analyze how the offer of the discipline Cultural Journalism occurs in journalism courses in Brazil that achieved concept 5 in Enade 2018. From the Multiple Case Study method, proposed by Yin (2001), it was identified that, of the 20 institutions with the maximum concept, only nine have this discipline in their curriculum. Of this universe, six are part of the public school system and three of them are part of the private network. As a technique of approach and information collection, interviews were conducted with teachers from seven of these institutions. As a result of research, we highlight the need to offer the discipline at the national level as the first step towards the renewal and positive construction of the country's cultural scene.

Keywords

Cultural Journalism; Teaching; Enade; Multiple Case Study.

RECEBIDO EM 9 DE SETEMBRO DE 2021
ACEITO EM 01 DE NOVEMBRO DE 2021

¹ Professora orientadora da pesquisa. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Contato: bourscheidana@gmail.com

² JORNALISTA. Graduado pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Contato: icarocolella21@gmail.com

Introdução

A presença de profissionais de outras áreas nos veículos de comunicação, seguida pela não necessidade de formação acadêmica para atuação no mercado de trabalho instituída em 2009 no Brasil, anexados à tardia chegada dos cursos de Jornalismo no país e a Ditadura Militar, que extinguiu a liberdade de expressão no período em que vigorou (1964-1985), fizeram com que deficiências no ensino do Jornalismo aumentassem no cenário brasileiro.

Isto fez com que determinadas áreas de formação do jornalista acabassem tendo fragilidades, como é o caso do Jornalismo Cultural. A temática da presente pesquisa justifica-se pelo fato desta ser uma das disciplinas menos ofertadas e pesquisadas nas universidades brasileiras, segundo o levantamento do Itaú Cultural (2008). Neste mapeamento foi constatado que, de 356 cursos de Jornalismo do Brasil, 126 possuíam alguma disciplina que tratava de questões ligadas à cultura, um percentual de 35,39%. Entretanto, desse montante, somente 16 cursos abordavam a temática com exclusividade e com a nomenclatura de Jornalismo Cultural.

Já no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), realizado em 2018, obteve-se o registro de 290 instituições que ofertavam o curso de Jornalismo. Portanto, em 10 anos, 66 cursos deixaram de existir no país e, conseqüentemente, impactam na formação de profissionais qualificados para atuação em áreas como Jornalismo Cultural. Estes dados demonstram a necessidade de discutir e compreender a realidade da formação superior para atuação dos profissionais jornalistas em áreas como a cultura.

Franthiesco Ballerini (2015), jornalista e pesquisador, identifica que além da disciplina não ser ofertada nas matrizes curriculares dos cursos de

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

graduação, “[...] conta-se nos dedos o número de especializações em Jornalismo Cultural ou em História da Arte.” (BALLERINI, 2015, p. 209). Diante disso, a responsabilidade é jogada ao mercado de trabalho, para treinar os futuros jornalistas a cobrir o setor cultural nos veículos de comunicação.

Com base nestas questões, a presente pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), tem como objetivo analisar como ocorre a oferta da disciplina de Jornalismo Cultural nos cursos de Jornalismo do Brasil que alcançaram o conceito 5 no Enade 2018. De forma mais detalhada, para alcançar a finalidade proposta, foram estabelecidos como objetivos específicos: a) mapear se os cursos de Jornalismo, conceito 5, oferecem em sua matriz a disciplina de Jornalismo Cultural; b) segmentar as disciplinas ofertadas por regiões do país; c) verificar como ocorre o ensino desta disciplina através de entrevistas com os professores que as ministram; d) identificar se a oferta da disciplina está atrelada à grandes centros urbanos que demandam de produções culturais pela efervescência de suas agendas culturais.

Premissas do Jornalismo Cultural

Ao longo dos anos, a palavra cultura sofreu alterações na visão ideológica das civilizações. Hoje, é possível interpretá-la como o papel do trabalho ativo, em relação à transformação do meio. Laraia (2012) em seus estudos antropológicos, define que a cultura “[...] abrange tanto as artes [...] que são atividades concebidas como eruditas, quanto os mais corriqueiros costumes (modo de andar, de sentar, de vestir-se, de rir etc.).” (LARAIA, 2012, p.55).

Logo, o Jornalismo como uma forma de ação pela qual o homem se expressa e mantém relações a partir dos meios de comunicação, é uma manifestação cultural. Essa ideia foi defendida por Otto Groth (2011) quando afirma que, jornais e revistas são obras culturais. Sendo a imprensa não mais

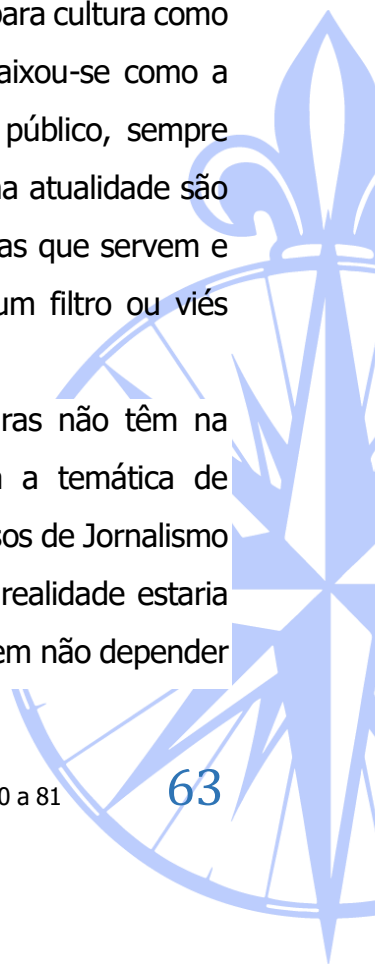
só jornais e revistas, assim como o jornalismo em si, peças importantes no quesito cultural. Deste modo, origina-se uma área específica para dar conta desta temática dentro do jornalismo, o Jornalismo Cultural.

Ballerini (2015) define como Jornalismo Cultural tudo que engloba a cobertura sobre literatura, teatro, música, artes visuais, cinema, televisão, moda, gastronomia e, de forma um tanto híbrida, os *games*. Porém, muitas vezes, a execução deste ofício, contribui para a não democratização do direito ao acesso aos movimentos artísticos, que no Brasil é cerceado e dividido em classes. A visão hegemônica delimitadora do termo cultura, em sua forma simbólica, está ligada aos processos de industrialização que transformaram a cultura em mercadoria.

Se a indústria cultural moldou e modificou os modos de se fazer e consumir cultura, é imaturo pensar que o jornalismo estaria livre dessas amarras. Adelmo Genro Filho (2012) complementa Chauí (2009) nessa definição estrutural da sociedade, e elucida que “A imprensa “não é mais que” fruto do processo de produção capitalista! O jornalismo “não é mais que” a informação transformada em mercadoria!” (GENRO FILHO, 2012, p.114).

Ou seja, em seu nascimento, o jornalismo era voltado para cultura como a peça fundamental que faltava nas sociedades. Logo, encaixou-se como a ponte que levava as produções da classe artística para o público, sempre escalando a crítica para essa mediação. O que se encontra na atualidade são profissionais da comunicação em geral, o que inclui jornalistas que servem e são pautados pela indústria cultural, por vezes, sem nenhum filtro ou viés individual de escolha a seguir.

Não obstante a esta ideia, as universidades brasileiras não têm na tradição acadêmica a oferta da disciplina que trabalharia a temática de Jornalismo Cultural, pois verifica-se que nas matrizes dos cursos de Jornalismo sua presença é quase nula. Mesmo que oferecessem, essa realidade estaria longe de ser alterada, dado o processo de ensino-aprendizagem não depender



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

só da oferta, mas de fatores como: estrutura dos cursos; dedicação do estudante; e, professores capacitados para ministrar as aulas.

Para esse cenário brasileiro ser modificado, Rister (2002) aponta a necessidade do jornalista possuir uma formação cultural sólida e diversificada. A autora defende que, na maioria dos casos, essa característica é lapidada na graduação, todavia, os hábitos de consumo cultural e o exercício de trabalhar com a temática são os principais focos para a formação de um profissional qualificado. Pois, a prática do Jornalismo Cultural, seja no jornalismo impresso, rádio ou no campo cinematográfico, entre outros, exige um preparo diferenciado.

Ressalta-se também a importância da atuação de uma imprensa capaz de formar pessoas com capacidade de interpretar a realidade. Posto que, “[...] o jornalismo cultural tem esse papel simultâneo de orientar e incomodar, trazer novos ângulos para mentalidade do leitor-cidadão.” (PIZA, 2004, p.117). O autor finaliza seu livro com a seguinte afirmativa: “Quando começar a olhar para si mesmo com maior complexidade - com maior grandeza -, o jornalismo cultural brasileiro vai dar um salto.” (PIZA, 2004, p.119).

Entende-se que esse olhar para si, deve ser feito nas academias, nas escolas de Jornalismo, com foco inicial na oferta dessa disciplina, para lapidar as práticas e técnicas como forma de oportunizar uma formação diferenciada aos jornalistas. Com essas mudanças estruturais nas universidades, é possível pensar em um Jornalismo Cultural comprometido com a sua real função social. Além disso, quando encerrar-se a divisão entre profissionais acadêmicos e de mercado, poderá, enquanto classe, estabelecer estratégias teóricas e técnicas de evolução do jornalismo em sua totalidade.

a) Percurso metodológico

Este estudo está organizado com base no método de Estudo de Casos Múltiplos, proposto por Robert Yin (2001). O autor estabelece que, caso o pesquisador deseje unir dados quantitativos e qualitativos para buscar,

especificamente, como determinado fato ocorre, seria necessário esboçar algo mais abrangente pelas informações coletadas anexadas aos recursos das entrevistas, para tanto, faz-se necessário o Estudo de Casos Múltiplos. A finalidade deste método é elaborar uma explanação geral que sirva a todos os casos particularmente, embora possam variar em seus detalhes. (YIN, 2001, p.142).

Para tanto, este estudo teve início com o mapeamento dos cursos de Jornalismo que alcançaram o conceito 5 no Enade 2018, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Nesta etapa foram identificados 20 cursos, entre uma lista de 290 instituições que ofertam o curso de Jornalismo no Brasil. Dentre os 20 cursos, nove possuem em sua matriz curricular a disciplina de Jornalismo Cultural.

Estes cursos são ofertados pelas seguintes instituições de ensino superior: Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Vila Velha (UUV); Universidade de Brasília (UNB); Faculdade Cásper Líbero (FCL); Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM); e, Universidade Federal do Ceará (UFC).

Dentre estas instituições, apenas três cursos ofertam a disciplina como obrigatória. São elas: Universidade Vila Velha (UUV); Faculdade Cásper Líbero (FCL); e Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Os outros seis cursos, ofertam a disciplina como optativa e/ou eletiva em sua matriz. É possível constatar que as universidades que possuem a disciplina em seu currículo neste formato são em sua totalidade públicas.

Visando ampliar a análise do tema de pesquisa, o estudo propôs em sua metodologia, entrevistas individuais com os professores que ministram a disciplina de Jornalismo Cultural nas universidades com conceito 5 no Enade 2018. O método seguiu a premissa da entrevista focal (YIN, 2001), uma vez

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

que os docentes foram questionados em encontros espontâneos de caráter informal com o pesquisador sobre pontos temáticos específicos relacionados ao tema da pesquisa.

Para isso, logo após a identificação dos nove cursos brasileiros que possuem em sua matriz curricular a disciplina de Jornalismo Cultural, realizou-se o contato por *e-mail* com os coordenadores dos cursos selecionados para integrar a pesquisa. Foi solicitado que estes indicassem os professores responsáveis pela disciplina. As entrevistas foram realizadas por videoconferência, via *Google Meet*, pelo fato dos professores estarem distante geograficamente e também devido à pandemia de Covid-19.

A partir das nove instituições mapeadas foram realizadas oito entrevistas. Contudo, é fundamental explicar e observar algumas particularidades constatadas ao longo do levantamento de informações para realização da pesquisa. No caso da coordenação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), ao ser contactada, informou que o docente que ministrava a disciplina optativa na instituição, se aposentou e a disciplina não estava sendo ofertada há dois anos.

Em relação à Universidade de Vila Velha (UVV), está recentemente alterou sua matriz curricular e a disciplina passou a ser ofertada obrigatoriamente no sétimo período. Entretanto, como ainda não foi ministrada, a entrevista com o professor que poderia vir a atuar nesta área foi suprimida da pesquisa, visto que não haviam dados e experiências em relação à sua oferta em momentos anteriores na instituição.

No total foram realizadas sete entrevistas com professores que atuam com a disciplina de Jornalismo Cultural, no período de 05 de agosto a 14 de setembro de 2020. Participaram do estudo os professores: Doutor Carlos Alberto de Azevêdo Filho da UFPA; Doutora Cida Golin da UFRGS; Doutor Cláudio Coração da UFOP; Doutora Marialva Barbosa da UFRJ; Doutor Sérgio de Sá da UNB; Mestre Heitor Ferraz Mello da FCL; e, Doutora Lilian Crepaldi de

Oliveira Ayala da FAPCOM. Todos os professores entrevistados são jornalistas, bacharéis em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e cursaram mestrado ou doutorado em áreas afins, como Literatura, História, Audiovisual, Semiótica e Letras.

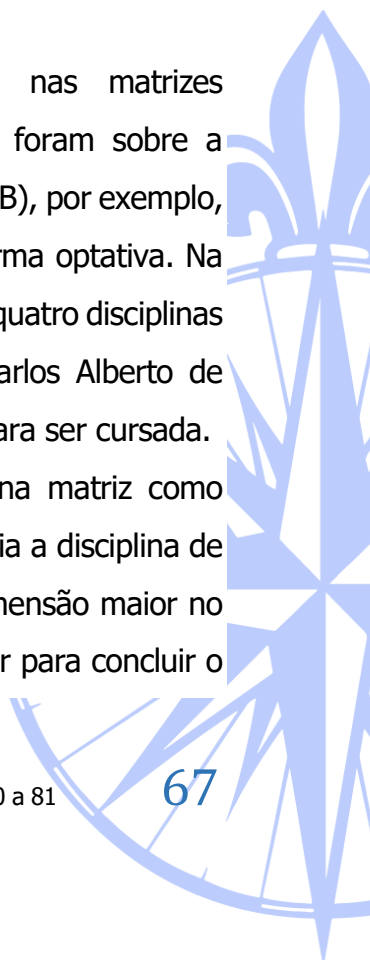
A partir do material coletado nas entrevistas, as informações levantadas foram organizadas nos seguintes blocos temáticos: nomenclatura e oferta; metodologia de ensino adotada; e perspectivas para área do Jornalismo Cultural. Cada um destes temas será apresentado na sequência deste trabalho.

Nomenclatura e oferta

Antes de abordar as nomenclaturas de cada disciplina é preciso demonstrar como se caracterizam as divisões delas nas matrizes curriculares dos cursos de graduação. Obrigatórias são aquelas previstas na grade curricular e que precisam ser cursadas para que o estudante possa finalizar seu curso. Já as optativas são aquelas escolhidas pelo estudante para serem cursadas. Por fim, as eletivas são aquelas que não fazem parte do currículo pleno do curso. O estudante, nesta última modalidade, pode escolher qual dentre as disciplinas ofertadas no semestre pretende cursar.

Objetivando confirmar as informações coletadas nas matrizes curriculares dos cursos, as primeiras perguntas realizadas foram sobre a nomenclatura das disciplinas e seu formato de oferta. Na (UFPB), por exemplo, a disciplina chama-se Jornalismo Cultural e é ofertada de forma optativa. Na instituição, os estudantes podem, ao longo do curso, escolher quatro disciplinas optativas para montar sua grade e, segundo o docente Carlos Alberto de Azevêdo Filho (2020), a disciplina não possui pré-requisitos para ser cursada.

Na UFRGS a disciplina de Jornalismo Cultural está na matriz como eletiva. No entanto, existe na grade curricular como obrigatória a disciplina de Jornalismo e Cultura. Essa nova formulação ganhou uma dimensão maior no currículo, pois é uma disciplina que o estudante precisa cursar para concluir o



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

curso. Para cursar Jornalismo e Cultura na UFRGS, o estudante precisa já ter passado pelas disciplinas de Teoria do Jornalismo I e II.

Já na UFOP a disciplina ministrada por Cláudio Coração (2020) e Lara Guimarães é ofertada como eletiva, sem nenhum pré-requisito. Ela é compactada em 60 horas, assim como as da UFPB e UFRGS, divididas em quatro horas semanais. Já na UFRJ, a disciplina é ofertada de forma eletiva e ministrada pela professora Marialva Barbosa (2020). Mesmo no curso antigo de Comunicação com habilitação em Jornalismo, a disciplina estava presente, devido à alta procura dos discentes. Com a formulação do novo currículo, a professora Marialva ressalta que não se cogitou retirar a disciplina da grade, uma vez que é uma disciplina muito requisitada entre os estudantes.

Ao longo dos anos, o curso da UFRJ foi alterado para adaptar-se às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), sem perder as características da Escola de Comunicação (ECO) da própria instituição. Por isso, foram criados novos componentes e outros reconfigurados. Jornalismo Cultural permaneceu e não houveram grandes mudanças em relação a oferta da disciplina nas ementas anteriores.

Na UNB a disciplina é eletiva. Por não ser obrigatória, não é oferecida todos os semestres. Desde que foi instituído esse currículo, a disciplina só foi ministrada uma vez na instituição no segundo semestre de 2017 pelo professor Sérgio de Sá (2020). Já na Faculdade Cásper Líbero, primeiro curso de Jornalismo do Brasil, a matriz é dividida em anos, ao invés de semestres. No quarto ano, que corresponde ao sétimo e oitavo períodos, a disciplina está inserida como obrigatória e intitulada Jornalismo Literário e Cultural. Por sua vez, na FAPCOM, a disciplina é obrigatória e ministrada, desde a inauguração do curso na faculdade em 2006, pela professora Lilian Crepaldi (2020). A última vez que a disciplina foi ofertada foi no primeiro semestre de 2020.

É válido observar que apenas uma universidade define pré-requisito para cursar Jornalismo Cultural, a FCL. Nas cinco instituições públicas

A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL

analisadas, UFPB, UFRGS, UFOP, UFRJ e UNB, nota-se que a disciplina é optativa ou eletiva. Assim, o estudante pode escolher qual caminho seguir e qual currículo deseja montar para seu futuro profissional. Já nas outras duas que são instituições particulares, FCL e FAPCOM, o discente deve cursar essas disciplinas para obter o grau de bacharel.

Como forma de compilar os dados levantados, é apresentado no quadro 1 o nome das instituições que ofertam Jornalismo Cultural, a data de criação do curso, a nomenclatura adotada, sua forma de oferta e o nome do professor que participou da pesquisa.

Quadro 1 - Oferta da disciplina de Jornalismo Cultural nos cursos com conceito 5 no Enade 2018.

Instituição de Ensino Superior	Sigla	Cidade	Data da criação do curso	Nome da disciplina	Forma de oferta da disciplina	Docente entrevistado
Universidade Federal da Paraíba	UFPB	João Pessoa	1977	Jornalismo Cultural	Optativa	Carlos Alberto Azevêdo Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Porto Alegre	1952	Jornalismo e Cultura	Obrigatória	Cida Golin
Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP	Mariana	2008	Jornalismo Cultural	Eletiva	Cláudio Coração
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Rio de Janeiro	1967	Jornalismo Cultural	Eletiva	Marialva Barbosa
Universidade de Brasília	UNB	Brasília	1962	Jornalismo Cultural	Eletiva	Sérgio de Sá
Faculdade Cásper Líbero	FCL	São Paulo	1947	Jornalismo Literário e Cultural	Obrigatória	Heitor Ferraz de Mello

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação	FAPCOM	São Paulo	2006	Jornalismo Cultural	Obrigatória	Lilian Crepaldi
--	--------	-----------	------	---------------------	-------------	-----------------

Fonte: Os autores.

a. Metodologias de ensino adotadas

Na UFPB a disciplina de Jornalismo Cultural é dividida em duas partes. A primeira teórica, voltada para o conceito de cultura e suas definições antropológicas, e, em seguida, a parte prática centrada na participação de convidados externos que atuam no cenário de cultura local e regional, além de profissionais que atuam na cobertura cultural nos veículos de comunicação.

De acordo com o professor Azevêdo Filho (2020), a matéria se torna interessante porque trata das experiências de mercado. Para ele, esta deve ser uma prática comum, pois os estudantes têm contato com editores dos cadernos de cultura locais, profissionais do meio e artistas, dentro da sala de aula, em palestras organizadas pelo professor. “O mercado também educa.” (AZEVEDO FILHO, 2020, n.p). O professor Azevêdo Filho (2020) explica que anexa às aulas suas experiências na área do Jornalismo Cultural, e com isso, faz uma ponte com a nova realidade da área.

Já a professora Cida Golin (2020) ministra na UFRGS a mesma disciplina com uma metodologia semelhante à usada pelo professor Carlos. Em sua abordagem, trabalha a mediação jornalística da cultura, aproximações entre jornalismo e literatura e desenvolve o laboratório de produção de narrativas. Deste modo, a professora Cida ressalta que aborda o conteúdo teórico sobre o que é cultura e também retoma os estudos culturais, já abordados nas disciplinas de Teorias da Comunicação I e II.

Entre as estratégias metodológicas de ensino, a professora explica que são escolhidos, em sala, grupos de cronistas para trabalhar com análise

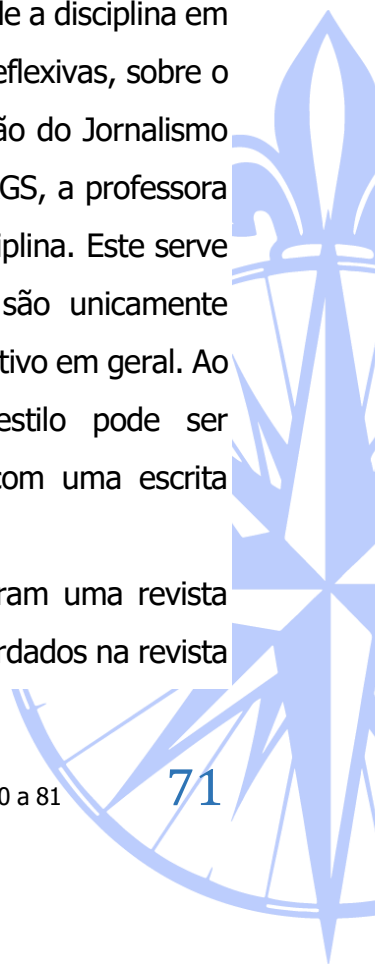
narrativa, que envolve jornalismo e literatura. Também como prática, a docente apresenta como exercício, propostas de textos mais livres e subjetivos.

Na UFOP, dado o fato da Universidade estar inserida entre duas cidades históricas, Mariana e Ouro Preto (MG), com calendário cultural efervescente, 90% das vezes que a disciplina foi ofertada, eram realizadas atividades práticas com reflexão e discussão sobre o Jornalismo Cultural, cultura, gêneros jornalísticos como crônica, crítica e reportagem. O professor Cláudio Coração (2020) explica que o desafio da disciplina sempre foi sair do que está previsto como pré-concebido da mera agenda cultural.

Uma das indicações do docente é para que os estudantes saiam do centro histórico e, com isso, estabeleçam olhares mais atentos para esse espaço físico. Um exemplo disso, são as batalhas de *Rap* que acontecem em frente às igrejas barrocas. Além disso, são trazidos para participar dos debates em aula, profissionais que trabalham com cultura. Como forma de complementar o processo pedagógico, o docente disponibiliza aos estudantes uma lista ampla de referências na área do cinema, televisão, teatro, literatura e música popular.

Já na UFRJ, a professora Marialva Barbosa (2020) divide a disciplina em três grandes núcleos. Primeiro, são realizadas aulas teórica reflexivas, sobre o que é cultura, questões de bipartição cultural e qual a função do Jornalismo Cultural. Assim como a professora Cida Golin (2020) na UFRGS, a professora Marialva (2020) traz na UFRJ um segundo momento da disciplina. Este serve para tratar sobre os nexos narrativos textuais que não são unicamente baseados na factualidade, como ocorre no jornalismo informativo em geral. Ao abordar a narração, a docente especifica que esse estilo pode ser completamente diferente do jornalismo mais tradicional, com uma escrita próxima da literatura.

No terceiro e último momento, os estudantes elaboram uma revista cultural. Marialva (2020) cita três exemplos de conteúdo abordados na revista



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

intitulada Janelas do Olhar, que abriga reportagens como experimentos de linguagem. Depois de estudar sobre os gêneros crônica, crítica, e descortinar modos narrativos, esse experimento se materializa na revista em formato digital.

Com um método de ensino semelhante, são organizadas as aulas da disciplina de Jornalismo Cultural na UNB. Com a disciplina estruturada com carga teórica e prática, o professor Sérgio de Sá (2020) relata que, na última vez que ministrou a disciplina, organizou as aulas entre leituras obrigatórias e idas à campo para realizar a produção de matérias e cobertura de eventos. Foram realizadas reportagens para revista de Jornalismo Científico e Cultural da própria UNB, denominada Darcy, em homenagem a Darcy Ribeiro. Em sua oferta única, depois da reformulação da matriz, também foram trazidos para sala de aula profissionais que atuam no cenário do Jornalismo Cultural em Brasília.

Por sua vez, na FCL, após adequações ao longo dos anos, o professor Heitor Ferraz Mello (2020) estruturou a disciplina a partir de uma questionamento pessoal: Onde está o diferencial dessa disciplina ou, dessa área do Jornalismo, em relação à economia, a política, a cidade? O diferencial, segundo o professor, está em um único gênero, o texto crítico (MELLO, 2020).

O docente frisa que o Jornalismo Cultural não nasce com o intuito de cobrir celebridades, no que se convencionou o senso comum. Este segue a cronologia histórica de remonte da função da crítica, até o século XIX, quando os produtos jornalísticos se condicionam, em sua maioria, a pautar a indústria e os interesses mercadológicos.

Com isso, a crítica se torna um objeto frágil, inclusive, menos objetivo, mas com personalidade que mantêm uma objetividade. Ao fugir da lógica Eurocêntrica, o professor Heitor busca situar o estudante no cenário de críticos brasileiros das décadas de 40 e 50, em específico, no que delimita as produções

que utilizam de ferramentas acadêmicas, que vieram da Antropologia, da Sociologia e da própria literatura.

Heitor Ferraz Mello (2020) aborda na disciplina a cultura brasileira pelo viés jornalístico. Essa estratégia é estabelecida já que são ministradas duas disciplinas que contemplam essas áreas: Antropologia e Cultura Brasileira. Pelo fato da disciplina estar inserida no último ano de graduação, o professor explica que não há um foco ampliado na parte prática, pois os estudantes estão centrados no desenvolvido dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

A professora Lilian da FAPCOM trabalha com os autores-base, Daniel Piza e Frantjesco Ballerini. Os dois são autores de livros sobre Jornalismo Cultural que abordam a época histórica do Jornalismo no século XVIII e apresentam exemplos de resenhas, em partes mais pragmáticas.

Na FAPCOM o estudante tem no mesmo semestre de Jornalismo Cultural, a disciplina Cultura Brasileira. A docente apresenta rapidamente alguns conceitos antropológicos, e relembra pontos dos conceitos da área, porque os estudantes já tiveram disciplinas como Cultura Brasileira, Antropologia, Sociologia, que dão base para a compreensão sobre o que é cultura e mercado. Na disciplina, depois de cada exercício prático, é realizada uma espécie de “canetada” em que a professora corrige com os estudantes as atividades em sala de aula, e aponta direcionamentos básicos de redação.

Por fim, verifica-se que no geral, as sete disciplinas apresentam metodologias que convergem e são parecidas. As disciplinas são divididas em partes teóricas, que contemplam o estudo de autores da Antropologia para definir o conceito de cultura. Ainda na parte teórica, os docentes buscam apresentar referências para os discentes compreenderem questões ligadas ao Jornalismo Cultural e sobre gêneros que são explorados na segunda parte das disciplinas. A etapa prática propõe produção de algum produto, normalmente, revistas e reportagens.

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

Em universidades como UFPB, UFOP e UNB são trazidos profissionais do mercado para conversar com os estudantes. Além disso, pode-se analisar um fator importante, nas grandes cidades, ou em cidades históricas que possuem movimentos culturais mais constantes, os docentes adaptam suas aulas para que os estudantes possam ter a experiência de cobertura de eventos culturais locais.

Perspectivas para área do Jornalismo Cultural

Devido ao ano de 2020 ter sido atípico, as entrevistas em alguns momentos tocam essa temática de pandemia que reverbera a concepção de alteração do presente e do futuro próximo para o Jornalismo Cultural. Este tópico reúne alguns fragmentos das entrevistas que dialogam com questões da área e as expectativas, diferenciais dos profissionais, estudantes no mercado e experiências de aulas na pandemia.

O professor Carlos Azevêdo Filho (2020) observa a mutação que a cultura está vivendo e exemplifica essa transição das artes, com a reinvenção do teatro, com os monólogos e apresentações montadas na casa dos artistas. Além dos formatos postos em prática nas *lives* no *Youtube* para pautar alguns segmentos da cultura como a música. Para o professor, essas plataformas utilizaram de tecnologias para adaptar formatos acessíveis durante o isolamento e lançaram possíveis tendências de hábitos para o futuro que necessitam ser acompanhados pelo jornalismo.

O professor Carlos visualiza que o Jornalismo em geral, e, principalmente o Cultural, ainda está preso a padrões antigos. Uma das questões trazidas em sala de aula pelo professor, embasada no fato da Paraíba ser um estado muito rico em cultura popular, é o fato dessa característica não ter expressão forte nos cadernos culturais. Além disso, observa a relação entre empregador e jornalista. Existem poucos modelos de negócios voltados para o Jornalismo e ainda menos para o setor cultural.

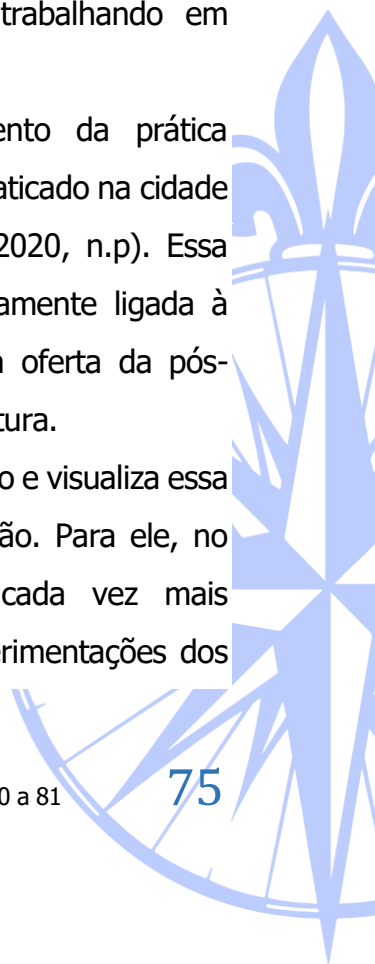
Azevêdo Filho (2020) frisa que três jornais impressos de relevância estadual fecharam nos últimos tempos, e com isso, também houve a migração das expressões de Jornalismo Cultural para outros espaços. Anexados a isto, está o fato de que durante a pandemia de Covid-19 as redações foram esvaziadas, ou seja, os espaços estão sendo suprimidos e, é necessário traçar uma estratégia de mutação desses profissionais que podem ser absorvidos por outros setores. O docente afirma que o Jornalismo Cultural não está cumprindo seu papel de educar e trazer coisas novas para os leitores, e concentra esforços em reproduzir produtos da grande mídia.

Na UFRGS, a disciplina de Jornalismo Cultural foi ministrada de forma remota em 2020. Fator que exigiu adequações no método de ensino. “Devido às aulas remotas não será trabalhado com o cinema e as aulas dedicadas para assistir filmes do Eduardo Coutinho serão repensadas.” (GOLIN, 2020, n.p).

Já o professor Cláudio Coração (2020) que atua no mais recente curso criado de todos os analisados, relatou sobre a universidade ainda não possuir dados aprofundados da inserção dos egressos no mercado de trabalho. Na cidade de Mariana (MG) existem órgãos públicos e privados que trabalham com a cultura na sua base, então, muitos egressos ficam trabalhando em assessorias cuja prática é voltada para o âmbito cultural.

“Percebemos nesses últimos 10 anos o incremento da prática jornalística na cidade, porque antes da UFOP, o jornalismo praticado na cidade era o jornalismo panfletário, muito amador.” (CORAÇÃO, 2020, n.p). Essa mudança de parâmetros, segundo o professor, está diretamente ligada à permanência do estudante formado na cidade, anexado à oferta da pós-graduação, levando para a pesquisa questões atreladas à cultura.

Cláudio também é professor no curso de pós-graduação e visualiza essa interligação das temáticas entre as duas etapas de formação. Para ele, no futuro a cidade poderá desfrutar de um jornalismo cada vez mais comprometido com as ciências e as artes, e todas as experimentações dos



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

estudantes em sala de aula irão reverberar no futuro profissional, por onde esses egressos passarem.

Marialva Barbosa (2020) acredita que o segmento do Jornalismo Cultural é um campo promissor. De acordo com a professora, as novas tecnologias, aliadas à produção de conteúdos jornalísticos, alcançam muito mais público, a partir de algoritmos que selecionam o direcionamento da informação. Essas novas ferramentas podem corroborar com a ascensão das produções culturalistas em escala maior. "Tenho vários alunos que trabalham nesses lugares, que são invenções do jornalismo, se pudermos chamar assim." (BARBOSA, 2020, n.p).

A professora entende que as invenções observadas são mais contundentes na área cultural. Como o próprio Jornalismo *Longform*, a possibilidade de unir o Jornalismo de Base de Dados, vídeos, galeria fotográfica, essas possibilidades surgiram com o Jornalismo Cultural. Para ela, este é um exemplo de que a perspectiva do Jornalismo chamado de cultura, de novos formatos e práticas, é imensa.

Sérgio de Sá (2020) retoma alguns aspectos que observa dentro da universidade. Ao afirmar que o Brasil é uma nação esportiva, em termos quantitativos, o professor faz uma relação comparativa com outros países ao destacar que o brasileiro não é um povo que se preocupa em consumir cultura, no sentido menos antropológico e mais em ver a arte como fenômeno transformador, ou, de fonte de conhecimento e aprendizado.

Sá (2020) reforça que a realidade brasileira do mercado de literatura e os modos de consumo, não visualizam para o futuro do Jornalismo Cultural caminhos prósperos. Uma vez que, no Brasil, não existe uma discussão cultural mais refinada, mais requintada envolvendo esses produtos, "[...] e esse governo colabora para estigmatizar essa discussão, cultura é colocada como uma coisa secundária." (SÁ, 2020, n.p). Embora tenha havido uma

democratização ao acesso de bens culturais no país, isso ainda não significou uma democratização do debate estritamente cultural.

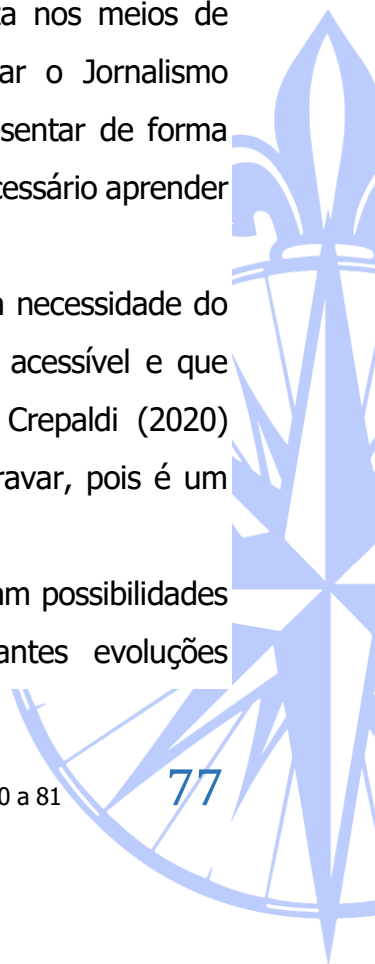
Na Faculdade Cásper Líbero, o professor Heitor Ferraz Mello (2020) também ministrou a disciplina de forma remota no segundo semestre de 2020 e teve que fazer adaptações para ministrar as aulas. Por meio da observação das novas vertentes em que a arte tem se expressado, o docente levou para sala virtual a análise do teatro *online* e as lives musicais com entrevistas.

O professor aponta que devido à pandemia, nas apresentações já não é possível contar com a parafernália musical. Logo, todos os artistas precisaram voltar para o violão. “Ao retornar para o violão, volta alguma coisa que estava fora do esquadro da música brasileira contemporânea: a canção.” (MELLO, 2020, n.p). Essa nova tendência está fora dos meios jornalísticos, apesar de atuar e pesquisar o campo da literatura, Heitor aponta que a classe jornalística está deixando as oportunidades passarem. Porque o que reflete e é pautado no Jornalismo Cultural, é apenas o que o mercado lança, e às peculiaridades como estas, estão no limbo de produção com restrições a um pequeno e seletivo público.

A professora Lilian Crepaldi (2020) também visualiza nos meios de comunicação contemporâneos oportunidades para trabalhar o Jornalismo Cultural. Ressalta que, apesar do mercado sempre se apresentar de forma escassa e menos privilegiada em relação a outras áreas, é necessário aprender com expressões diferenciadas.

Para a professora, um caminho para o futuro está na necessidade do profissional jornalista utilizar uma linguagem mais simples, acessível e que valorize os consumidores. Ao falar sobre *mainstreaming*, Crepaldi (2020) entende que este é um espaço que o jornalista deve desbravar, pois é um cenário com novos públicos e artistas.

Verifica-se que os professores entrevistados vislumbram possibilidades para a área do Jornalismo Cultural diante das constantes evoluções



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

tecnológicas de informação e comunicação. Diante disso, algo que fica estabelecido como regra geral nas aulas que os professores ministram é a necessidade dos futuros profissionais jornalistas deixarem de seguir os padrões próprios de um mercado cultural estabelecido e atentar para novos horizontes como forma de propor narrativas jornalísticas mais assertivas e que possam construir diálogos com o público.

Considerações finais

A partir do mapeamento realizado é possível destacar que, das nove instituições que ofertam em seus cursos de Jornalismo a disciplina de Jornalismo Cultural, sete estão localizadas em capitais e outras duas em cidades históricas. Em relação à distribuição destes cursos, dos sete apenas dois, UFPB e UNB não estão localizados na região Sul e Sudeste do país.

Entre os cursos que participaram da pesquisa através de entrevistas com os professores que ministram a disciplina de Jornalismo Cultural, cinco pertencem à rede pública de ensino e dois integram a rede privada. Observa-se uma tradição acadêmica destes cursos, pois apenas a UFOP e FAPCOM possuem cursos de Jornalismo relativamente jovens, inaugurados em 2008 e 2006, respectivamente.

As demais instituições possuem uma longa trajetória de criação dos cursos de Jornalismo. Os quatro cursos da rede pública foram criados na época da Ditadura Militar, UFPB em 1977, UFRGS em 1952, UFRJ em 1967 e UNB em 1962. Já a Cásper Líbero foi o primeiro curso de Jornalismo inaugurado no país em 1947.

Outro aspecto identificado é que a disciplina de Jornalismo Cultural é oferecida de forma optativa ou eletiva para possibilitar que os estudantes optem por construir sua trajetória acadêmica de qualificação com base em suas áreas de afinidade. Essa característica é encontrada nas grades curriculares das universidades federais, com exceção da UFRGS. As outras quatro, exaltam

essa característica como um ganho no direcionamento do discente e no êxito de rendimento nas aulas.

Já as duas universidades privadas, FCL e FAPCOM, assim como a UFRGS, ofertam a disciplina como obrigatória. Tendo em vista que os alunos têm perfis de interesse, vale discutir o quanto é proveitosa essa opção, já que os estudantes que não vislumbram essa área de formação se veem obrigados a cursá-la. Apesar de ser inegável que passar pela disciplina de Jornalismo Cultural traz um diferencial para os estudantes, vários outros fatores do processo de ensino-aprendizagem devem ser postos na balança, como a dedicação nas leituras, a formação do próprio docente, o envolvimento do estudante ao cursar a disciplina e seus interesses de atuação profissional.

Ao longo desta pesquisa conclui-se que a oferta dessa disciplina oportuniza um diferencial aos futuros profissionais do jornalismo no âmbito da escrita criativa, do conhecimento histórico e da realidade social brasileira e internacional de consumo. A maior parte dos estudantes universitários brasileiros são fruto de carreiras escolares deficitárias. Desde a base até as graduações e cursos de pós-graduação.

Com isso, não se propõe deixar a mensagem utópica de que se todos os cursos de Jornalismo contemplassem a disciplina de Jornalismo Cultural, a realidade seria diferente. Todavia, este é um caminho necessário para pensar e repensar a área, uma vez que a universidade é um espaço de construção de conhecimento e mudança. Assim como a expansão no número de cursos de Jornalismo no país oportunizou o desenvolvimento de um Jornalismo mais especializado na cobertura diária dos fatos, a inserção da disciplina Jornalismo Cultural é o primeiro passo para a qualificação da atuação profissional voltada para essa área e para a própria ampliação do público consumidor de conteúdos culturais.

Referências

Ana Paula **BOURScheid** · Ícaro Moraes **COLELLA**

- AZEVÊDO FILHO, Carlos. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/fimWiVOotJA>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BARBOSA, Marialva. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 14 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/0LcUJiOz3iE>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Editora Summus, 2015.
- CORAÇÃO, Cláudio. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 13 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/PxWjaXdLrgE>. Acesso em: 01 set. 2021.
- CULTURAL, Itaú. **Mapeamento**: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação. São Paulo: 2008. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento_jornalismocultural2008. Acesso em: 15 mar. 2020.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Coleção Cultura é o quê?. Secretaria de Cultura, Fundação Pedro. Salvador: 2009.
- CREPALDI, Lilian. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 14 de setembro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/BxHyUdPbdbS>. Acesso em: 01 set. 2021.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide para a teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular. 2012.
- GOLIN, Cida. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/LHaYXBOGxwY>. Acesso em: 01 set. 2021.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais (periodística). Tradução: Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza. Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Brasília, Rio de Janeiro, Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia. Nova Letra, 2012.
- MELLO, Heitor Ferraz. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 25 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/0T4RqtYTMwo>. Acesso em: 01 set. 2021.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2004.
- RISTER, Carla Abrantkoski. A decisão da juíza. In: **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. Florianópolis: [s.n.], 2002.
- SÁ, Sérgio de. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/MohUgjuKtj8>. Acesso em: 01 set. 2021.

A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é jornalismo cultural. In: **Mapeamento**: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação. São Paulo: 2008. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento_jornalismocultural2008.

Acesso em: 15 mar. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 2ª edição, Porto Alegre: Bookman, 2001.

